

War Play:

When the Curtain Has Fallen

XLI COLLOQUIA OF INTERNATIONAL RELATIONS



5 AND 6 MAY 2020 | UNIVERSIDADE DO MINHO
PRODUCED BY THE CENTER OF STUDIES OF THE COURSE OF INTERNATIONAL RELATIONS



cecri

centro de estudos do curso
de relações internacionais
universidade do minho



Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Dia: 5 de Maio

Keynote Speaker: This is War!... Isn't it? – A reflection on the New Wars

As chamadas “novas guerras”, ocorrem com maior incidência em Estados colapsados, surgem nas décadas de 80 e 90 e vêm contrastar com um tipo de conflitualidade de matriz vestefaliana, que correspondeu sobretudo à construção do Estado moderno, territorial, centralizado e hierarquicamente ordenado. Estas novas guerras correspondem a um novo tipo de violência organizada que é diferente porque faz com que não se vejam as diferenças entre guerra, crime organizado, e violações maciças de direitos humanos. Nestas novas guerras não é fácil estabelecer na prática a distinção entre o privado e o público, o estatal e o não estatal, o informal e o formal, o que se faz por motivos económicos ou políticos.

O propósito deste painel será debater questões como: Estará o Sistema Internacional a enfrentar uma metamorfose do conceito de guerra? Será o fim do conceito de guerra como um conflito armado? Quais as consequências desta nova forma de Guerra?

Follow up Panel 1: The changing character of War – great actors with great powers

Como seguimento ao keynote speaker sobre as Novas Guerras, iremos tomar agora especial atenção às guerras assimétricas e ao papel das companhias privadas americanas na Guerra do Iraque.

Keynote Speaker: Dying to kill – Suicide terrorism as an instrument of war

O terrorismo atualmente representa uma das mais significativas ameaças transnacionais à comunidade internacional. Apesar da conceção popular de irracionalidade ligada ao movimento terrorista é importante ressaltar que ele apresenta um carácter estratégico relevante e pode ser ligado a 2 objetivos principais: ganhar adeptos e coagir oponentes. Ao variar em grau originam diferentes versões do terrorismo, incluindo o terrorismo suicida.

O terrorismo suicida apresenta atualmente a maior taxa de crescimento em comparação a suas outras vertentes e é constantemente usado como um instrumento de coerção por diversos grupos terroristas que procuram um modo de persuadir um governo alvo para uma mudança de políticas até a custo de novos adeptos. Deste tipo de terrorismo resulta o pânico imediato associado a cada ataque e o risco de punição civil no futuro tornando-se, assim, ideal para retaliação.

Quais são os principais objetivos e princípios do movimento terrorista? Porque é que o terrorismo suicida se tornou a forma mais popular e de que maneira o movimento aplica uma estratégia racional? Como contestam a hegemonia das democracias? Como é que os Estados devem agir de modo a reduzi-lo e minimizar seus impactos? Quais são os conflitos atuais representativos dessa realidade? Essas e outras perguntas serão respondidas ao longo deste keynote speech.

Painel 2: Law & Order – 21st Century Humanitarian Edition

As Convenções de Genebra são constituídas por um conjunto de normas que têm como objetivo limitar as atrocidades da guerra, protegendo os civis que não participam nas hostilidades e, a par com o Direito Internacional, permitem regular a condução dos conflitos armados. Sendo que uma das maiores dificuldades atuais é a distinção entre combatente e não combatente, como pode o Direito Humanitário colmatar esse problema? Quais são os limites atualmente impostos em comparação às antigas guerras onde estes eram pouco delineados?

Abordagens mais progressivas, tais como a segurança humana – que pode ser vista como complementar ou independente dos direitos humano – emergiu com a virada do século. A segurança humana garante uma das mais importantes proteções: um alinhamento pessoal centrado na libertação do medo e da necessidade, e a vontade de viver com dignidade. “Segurança humana significa a segurança do indivíduo, respeitando a satisfação das necessidades básicas de vida; também engloba a criação de ambientes sociais, políticos, económicos e militares, bem como condições culturais necessárias à sobrevivência, vivência e dignidade do indivíduo.” Assim sendo, a segurança humana envolve a provisão e proteção do “núcleo vital de todos os seres humanos, de forma a aumentar a liberdade e realização humana”. (Comissão sobre Segurança Humana 2003:4). Com a mudança de carácter das guerras, estando este último, agora, em forma híbrida, passando de conflitos diretos para armas biológicas e consequências económicas, será que a segurança humana fornece as ferramentas necessárias para uma interpretação abrangente e integrada dos direitos humanos internacionais?

Com este painel, pretendemos analisar a aplicabilidade do Direito Internacional nas novas guerras e perceber de que forma podem estes crimes ser condenados, tendo em conta que envolvem “uma miríade de ligações transnacionais, nas quais a distinção entre interno e externo, entre agressão (ataque do exterior) e repressão (ataque do dentro do país) ou mesmo entre local e global, são difíceis de identificar.”. Como pode um conceito tão cosmopolita como “segurança humana” preencher os espaços em branco do Direito Internacional?

Dia: 6 de Maio

Painel 3: International Organizations - main actors in the war play?

As Organizações Internacionais, de carácter político, estão divididas em dois amplos grupos: Organizações Internacionais Governamentais (OIGs) e Organizações Internacionais Não-governamentais (OING). Tanto as OIGs como as OINGs, por possuírem um carácter transnacional, centram-se em questões relacionadas às sociedades civis que não são abrangidas pelos Estados. Uma dessas questões pode ser a ajuda internacional humanitária em caso de guerra, que será o foco deste painel. Ambos os tipos de Organização desempenham um papel fundamental de cariz humanitário em tempos de conflito, com a ajuda de fornecimento de bens essenciais como saúde e alimentação, para a sobrevivência de populações afetadas por conflitos. Também têm agido para que os princípios do Direito Internacional Humanitário sejam respeitados durante a guerra e denunciam caso algum destes seja violado. Estas trabalham para restaurar todos os direitos retirados à população civil, que é uma missão muito difícil de ser alcançada. Uma característica marcante das OINGs de cariz humanitário na guerra é o de não tomar nenhum dos lados do conflito. Deve-se também destacar as missões denominadas de “peacekeeping”, que são desempenhadas no âmbito das OIGs, sendo geralmente introduzidas em conflitos periféricos.

Quais são as limitações da atuação das OIs durante conflitos armados? Como os Estados podem contribuir para melhor atuação das OIs durante o período de guerra? Como se dá a atuação das OIs nos conflitos? Estas e outras questões serão abordadas no painel “International Organization - main actors in the war play?”.

Painel 4: Lights, Camera... War! – The power of strategic communication in Warfare

Analisando o fim do Século XX e o início deste novo século, uma das grandes diferenças quando comparado com o paradigma dos séculos anteriores é a revolução dos mecanismos de informação, isto deve-se tanto à adaptação e criação de novas tecnologias, como à crescente procura do cidadão pela elucidação daquilo que o rodeia. No entanto, o trajeto da informação passa por várias mãos e corre sempre o risco, independentemente do método utilizado, de ser corrompida. Aqui reside um grande poder, que é usufruído pelos Estados com a produção de narrativas estratégicas, através de omissões, desequilíbrios na substância dos comunicados, e até mesmo mentiras; mas também é usufruído por aqueles que tenham o poder de se servir do canal da informação, criando perigos ao nível da Opinião Pública de uma população que se urge cada vez mais crítica e informada. O poder de levar um cidadão, que em princípios, crenças e valores concordaria com uma medida política a desacreditar esta mesma é extremamente nocivo à democracia; e o poder de levar ações desumanas a serem aceites pela sociedade dá uma nova cariz maquiavélica aos estados menos éticos. A guerra não é aceite pelo senso comum, mas certas campanhas incisivamente publicitadas conseguem gerar apoio popular, porquê?

Com este painel, procuraremos responder a questões, tais como: Quão crítico deve ser o cidadão? Qual a influência nas Narrativas Estratégicas na relação com o cidadão e na fabricação/mascaração de *casus belli*? De que forma a produção de Narrativas Estratégicas e a os novos canais de informação influenciam as campanhas de guerra? Como pode a manipulação da Opinião Pública por terceiros interferir com a agenda externa de um Governo?

Painel 5: 2020, an overview from the loggia- Coronavirus and the International scene

A pandemia do coronavírus afetou o sistema político de múltiplos países numa escala que nunca vimos anteriormente, originando suspensões de atividades legais, isolamento, taxas de mortalidades elevadas, e a remarcação de eleições devido ao potencial de disseminação eficaz do vírus. Esta desenvolveu-se como uma ameaça significativa tanto nas relações internacionais como nas políticas nacionais. Desta forma, é impossível não mencionar o surgimento de problemas em Estados como a China, que têm sofrido de intensas críticas internacionais pelo modo em que está a lidar com a pandemia, e também na União Europeia, onde debates sobre os possíveis caminhos para o combate mais eficaz com os menores prejuízos económicos têm causado divisões entre os Estados membros do Norte e do Sul.

Dizer que o status-quo do pré-vírus irá persistir é o caminho errado. A recessão global causada pela pandemia terá efeitos de segunda e até terceira ordem impensáveis no momento. A transição será inevitável, mas talvez não ocorrerá de um modo tão radical como pensamos e nem toda mudança será positiva. Quais as mudanças que poderá a crise do coronavírus trazer ao sistema político internacional? Poderá o coronavírus acelerar o fim da globalização como conhecemos? Qual será o papel das autoridades nacionais ao lidar com ameaças à segurança como esta - quais serão as mudanças necessárias? Como é que nós, comunidade internacional, estamos a proteger aqueles que neste momento precisam desesperadamente de proteção?